

## BREVE HISTÓRIA DE CLARICE LISPECTOR COMO PROFISSIONAL DE IMPRENSA NO BRASIL (1940-1977)

### BRIEF HISTORY OF CLARICE LISPECTOR AS A PRESS PROFESSIONAL IN BRAZIL (1940-1977)

Kaoana SOPELSA

**Resumo:** Este trabalho, que parte da pesquisa de minha tese de doutoramento em História, trata, de forma breve, do caminho percorrido por Clarice Lispector (1920-1977) na imprensa em circulação no Brasil, considerando o trânsito entre a vida e a obra da autora. A partir de obras como a biografia de Nádia Batella Gotlib, *Clarice: uma vida que se conta* (2013); como as correspondências de Clarice, compiladas por Tereza Monteiro nas obras *Correspondências* (LISPECTOR, 2002) e *Minhas queridas* (2007); e com textos publicados em jornais e revistas brasileiros, como na obra *A descoberta do mundo* (LISPECTOR, 1999), e como as compilações organizadas por Aparecida Maria Nunes nas obras *Correio feminino* (2006), *Só para mulheres* (2008), relaciono vida e obra de Clarice com o contexto histórico (inter) nacional e com o perfil da imprensa em circulação no Brasil. Desta forma, observo parte do século XX, a estrutura binária e patriarcal brasileira desde a Era Vargas (1930-1945) até a Ditadura Militar (1964-1985), o perfil da imprensa desses períodos e dos veículos de comunicação onde os textos clariceanos foram publicados, a fim de situá-la individual e coletivamente, para uma melhor compreensão de sua escrita e de seus posicionamentos.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; Imprensa; Correspondências; História.

**Abstract:** This paper, part of the research for my doctoral dissertation in History, briefly discusses the path taken by Clarice Lispector (1920-1977) in the press in circulation in Brazil, considering the movement between the authoress's life and work. Based on works such as the biography by Nádia Batella Gotlib, *Clarice: uma vida que se conta* (2013); Clarice's correspondence, compiled by Tereza Monteiro in the titles *Correspondências* (LISPECTOR, 2002) and *Minhas queridas* (2007); and texts published in Brazilian newspapers and journals, as in the work *A descoberta do mundo* (LISPECTOR, 1999), and the compilations organized by Aparecida Maria Nunes in the books *Correio feminino* (2006), *Só para mulheres* (2008), I correlate Clarice's life and work with the (inter)national historical context and the profile of the press in circulation in Brazil. Therefore, I observe part of the 20th century, the Brazilian binary and patriarchal structure from the Vargas Age (1930-1945) to the Military Dictatorship (1964-1985), the profile of the press in these periods and the communication outlets where the Claricean texts were published, in order to situate the authoress both individually and collectively, for a better understanding of her writing and her positioning.

**Keywords:** Clarice Lispector; Press; Correspondences; History.

*Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma. Falei nisso com um amigo que me respondeu: mas escrever é um pouco vender a alma. É verdade. Mesmo quando não é por dinheiro, a gente se expõe muito. (Clarice Lispector)<sup>15</sup>*

## Introdução

Este artigo, escrito especialmente para o lançamento da revista LiteralMENTE, foi pensado para ser útil: sua intenção primordial é situar historicamente Clarice Lispector. O contexto patriarcal e binário (ou seja, resumido na construção dos gêneros homem/mulher) em que a autora viveu e trabalhou influenciou sua trajetória na imprensa em circulação no Brasil – desde a estreia de Clarice (a quem me refiro pelo primeiro nome no corpo do texto) nesses veículos de informação até os anos finais de sua vida (1940-1977) – e sua vida pessoal. Como sugeriu Nádya Batella Gotlib no título e no decorrer da obra *Clarice: uma vida que se conta* (2013), existe um trânsito, uma fluidez entre “vida e obra” de Clarice.

Apesar da brevidade, decorrente do tamanho adequado a um artigo científico, reúno nele informações do primeiro capítulo de minha tese “*O melhor está nas entrelinhas*”: *a relação entre a subjetividade de Clarice Lispector e sua produção enquanto profissional de imprensa no Brasil (1941-1977)* (SOPELSA, 2021), algo que só foi possível após a conclusão de minha dissertação, “*A genealogia das relações de gênero no Brasil através dos discursos das colunas de Clarice Lispector em 1959 e em 1960*” (SOPELSA, 2017). Nela, ao utilizar o gênero enquanto uma categoria analítica para observar os textos compilados por Aparecida Maria Nunes na obra *Correio Feminino* (LISPECTOR, 2006), textos que circularam em seções femininas da imprensa em circulação no Brasil, percebi como havia na escrita de Clarice tanto a legitimação quanto o questionamento acerca da diferença entre homens e mulheres (uma perspectiva de grande parte do século XX). Só então pude debruçar-me nos textos deslocados que Clarice publicou.

Clarice foi além da literatura: foi repórter, diagramadora, romancista, tradutora e pintora, ainda que sua visibilidade (inter)nacional comumente esteja relacionada com seus romances e contos. Aparecida Maria Nunes, ao compilar nas obras *Correio Feminino* (2006), *Só para mulheres* (2008) e *Clarice na cabeceira: jornalismo* (2012), textos clariceanos publicados originalmente nos jornais *Comício*, *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *Dom Casmurro*,

<sup>15</sup> Da obra *Correio Feminino* (LISPECTOR, 2006).

*Jornal do Brasil* e nas revistas *Pan*, *Vamos Ler!*, *A Época* e *Senhor*, trouxe visibilidade para grande produção de Clarice na imprensa. A quantidade de textos, por si só, já exemplifica a importância desse exercício de escrita em sua vida. Nesses textos, é possível observar a defesa de Clarice pela educação e pelo trabalho remunerado femininos, algo que funciona como um outro caminho possível às mulheres para além do casamento, no molde de família nuclear burguesa (o pai provedor, representando a autoridade legal que lhe cabia no Brasil; a mãe “mulher ideal”, dependente econômica e socialmente, dedicada ao trabalho doméstico e à educação da prole; e os filhos, criados nesse mesmo molde binário).

Clarice foi imigrante russo-judia no século XX, um século conflituoso, onde o antissemitismo foi a causa da imigração forçada de muitas pessoas, fosse em decorrência da Guerra Civil Russa<sup>16</sup> (1918-1923), fosse pelo genocídio judeu promovido por Hitler durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945); um século onde o anticomunismo mostrou sua força dentro e fora do Brasil, como ficou evidente durante a Guerra Fria (1945-1991) - uma guerra ideológica envolvendo a Rússia e os Estados Unidos -, ou mesmo em autocracias como a Era Vargas (1930-1945) ou a Ditadura Militar brasileira (1964-1985).

Clarice foi mulher neste século de Carolinas, Marias, Patrícias, Simones, Virgíncias, Marys, Ninas, Billies, etc., um século de enfrentamentos, batalhas, movimentos, deslocamentos e conquistas femininas, mas também um século onde até mesmo a legislação, como no caso brasileiro, legitimava a autoridade masculina com leis relacionadas ao casamento. Um século onde a imprensa veiculava para o público leitor feminino a ideia do casamento (ou do amor romântico, quase sinônimos) como um troféu para a “mulher ideal”, que exerceria seu destino de esposa e mãe, após ser escolhida por um homem.

Estudar, para Clarice e para as irmãs Tania e Elisa, significava melhores salários, uma vida mais digna. O trabalho na imprensa, por exemplo, começou antes mesmo da publicação do primeiro livro de Clarice, e foi importante para a própria manutenção quando ela e as irmãs ficaram órfãs de pai e mãe, mas também quando Clarice decidiu desquitar-se. Foi preciso compreender a condição em que a autora ascendeu profissionalmente, a importância do jornalismo em sua vida, os momentos em que publicou, o perfil da imprensa do Brasil em cada período e o perfil de alguns dos veículos de comunicação que a contrataram, para, só então, compreender o grandioso iceberg que foi Clarice: apesar da imensidão que se apresenta na superfície das águas, há muito mais quando se mergulha. Somente assim, observei como os

---

<sup>16</sup> Conflito armado ocorrido depois da dissolução do Império Russo, entre o governo bolchevique, ex-generais czaristas, anarquistas, republicanos liberais, nacionalistas, separatistas e estrangeiros, todos desejosos pela implementação de seu sistema (HOBSBAWMN, 2009).

textos clariceanos foram atravessados por exigências editoriais, por censura, por desigualdades de gênero e como há neles um enfrentamento que se apresenta também em sua vida pessoal.

Ofereço, neste trabalho, um pouco do que aprendi, na ânsia de que mais pessoas possam acessar essas informações, unindo as lutas e enfrentamentos de Clarice enquanto mulher (i)migrante, trabalhadora assalariada, irmã, amiga, esposa, mãe e separada com o contexto histórico e com sua escrita.

### **“Quando, há muito tempo, comecei a ser uma profissional de imprensa”<sup>17</sup>**

A aparição de Clarice na imprensa ocorreu após o golpe de Estado que instaurou a ditadura do Estado Novo (1937-1945) e intensificou o controle dos meios de comunicação. Apesar das restrições e impedimentos, a imprensa foi persuadida ao alinhamento governamental por meio de investimentos, benefícios e favores. E Clarice, ao trabalhar como funcionária pública da Agência Nacional, relacionou-se diretamente com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP, 1939), utilizado pelo governo ditatorial como instrutor, fiscalizador e punidor a controlar, censurar e até impedir a existência dos veículos de informação – medidas tomadas a fim de construir uma imagem positiva de Vargas por meio do silenciamento da oposição.

A censura fez-se presente, punindo quem ousasse transpor os limites da escrita, com publicações consideradas impróprias. O jornalismo foi considerado como dotado de “função de caráter público”, e os profissionais registraram-se no DIP a fim de conseguirem autorização governamental para o exercício. Os jornais autorizados, que colaboravam com a boa propaganda governamental, adquiriam facilmente verbas e empréstimos. Essas condições de diferenciação entre os jornalistas serviram de suporte, de tática, para o funcionamento da censura, como apoio por um lado e repressão por outro. Assim, a distribuição do dinheiro oficial, a publicidade e os financiamentos para o campo literário funcionavam como coerção do cerceamento implementado.

Mesmo neste contexto, desde sua primeira publicação, Clarice demonstrou a tomada de consciência sobre a condição feminina. Os primeiros textos publicados por ela ocorreram nas revistas *Pan* (conto “Triunfo”) e *Vamos Ler!* (conto “Eu e Jimmy”), no ano de 1940. A revista *Pan*, que declarava ter uma proposta apolítica, popular – de valor acessível – e imparcial, ateu-se, dentre outras coisas, ao lançamento de jovens escritores (DE LUCA, et. al, 2015), como foi o caso de Clarice. Um ano depois, Clarice publicou o conto “Trecho” na revista *Vamos Ler!* e, ainda em 1941, o conto “Cartas a Hermengardo” no semanário *Dom Casmurro* –

<sup>17</sup> Da obra *Correspondências* (LISPECTOR, 2002).

um jornal literário de grande prestígio intelectual e artístico na imprensa varguista, compartilhando do posicionamento ditatorial (DE LUCA, 2015).

No primeiro conto publicado pela autora, o casamento figura como uma instituição capaz de neblinar o campo de visão feminino e subjugar a mulher. Na reviravolta, após o abandono de Jorge, marido escritor de Luísa, ela encontra um papel onde ele confessa sua mediocridade – o que a faz despertar para a projeção que tinha de Jorge, para a arrogância e para a ironia dele com ela, mas, sobretudo, Luísa despertou para seu próprio valor, observou e agiu diferente, sem medo do abandono. Em suas palavras, “Ele voltaria, porque ela era a mais forte” (LISPECTOR, 2016, p. 32), Clarice atribui a força maior para Luísa, mesmo sendo uma característica marcadamente masculina na legitimação discursiva da estrutura binária (envolvendo instituições e práticas socioculturais que constroem um abismo entre os gêneros, pensado pela observação do corpo biológico para diferenciar homens e mulheres) e patriarcal (a superioridade física do homem faz, pela lógica do binarismo, com que o oposto – a fraqueza – seja atribuição do “outro”, ou seja, da mulher).

Por sua vez, a revista *Vamos Ler!* (1936-1948) aproximava-se do propagandismo governamental proposto por Vargas, principalmente de 1940 em diante – ano em que foi incorporada ao Patrimônio da União, com perfil voltado para o incentivo da leitura (CARVALHO, 2017). No conto “Eu e Jimmy”, a avó, a mãe e a narradora não são nomeadas (como um indicativo de que por vezes as mulheres são resumidas a funções naturalizadas como femininas a ponto de perderem sua identidade). Nele, Clarice utiliza uma teoria do filósofo germânico Georg Wilhelm Friedrich Hegel para justificar o rompimento do convívio de dois jovens após um deles (Jimmy) se irritar e ofender a narradora e protagonista quando ela começa a aplicar as lições que ouvira dele e filosofar por si mesma:

Mamãe antes de casar, segundo tia Emília, era um foguete, uma ruiva tempestuosa, com pensamentos próprios sobre liberdade e igualdade das mulheres. Mas veio papai, muito sério e alto, com pensamentos próprios também, sobre... liberdade e igualdade das mulheres. O mal foi a coincidência de matéria. Houve um choque. E hoje mamãe cose e borda e canta no piano e faz bolinhos aos sábados, tudo pontualmente e com alegria. Tem ideias próprias, ainda, mas se resumem numa: a mulher deve sempre seguir o marido, como a parte acessória segue a essencial (a comparação é minha, resultado das aulas do Curso de Direito). (LISPECTOR, 2016, p. 79)

Pensar com a própria cabeça era algo que as mulheres não deveriam fazer, e o casamento era a instituição que garantiria a autoridade masculina. Da vida para a escrita, Clarice trouxe o Curso de Direito, onde foi discente. A formação universitária apareceu nestas linhas

como mediadora do senso crítico para a comparação que sugere a ciência sobre a hierarquização dos gêneros, onde a mulher não é essencial e, por isso, precisa seguir o marido, que o é – afinal, o casamento é posto como opressor, como delimitador da liberdade e da igualdade das mulheres. No Código Civil de 1916, que vigorou até a virada do século XX para o XXI:

Art. 6. São incapazes, relativamente a certos atos (art. 147, n. 1), ou à maneira de os exercer:

II. As mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal.

Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal.

Art. 240. A mulher assume, com o casamento, os apelidos do marido e a condição de sua companheira, consorte e colaboradora dos encargos da família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta.

Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido (art. 251):

VII. Exercer profissão (art. 233, nº IV).

(BRASIL, Código Civil dos Estados Unidos do Brasil, 1916)

Escrever sobre liberdade e igualdade das mulheres em um período conservador, tradicionalista e cristão como a Era Vargas demonstra o enfrentamento, a tomada de posição de Clarice como mulher. Ela se movimentou e se deslocou das delimitações binárias, centralizando seu olhar na relação entre jovens e desconstruindo a ideia do amor romântico, que para as mulheres significava voltar-se “para o casamento, a maternidade e as convenções sociais” (LINS, 2012, s.p.):

Não lhes é permitido qualquer deslize passional fora das regras da ordem. O sentimento amoroso precisa apoiar-se em valores seguros, vinculados à “harmonia” de uma união conjugal e à estabilidade familiar. Por isso, deve ser domesticado. Para a mulher, as responsabilidades de esposa e mãe devem ser as mais importantes da vida, e estar acima de qualquer outro desejo. Com o homem é diferente. Ele encontra uma válvula de escape nas suas atribuições de chefe da família utilizando-se das chamadas “liberdades” masculinas. (LINS, 2012, s.p.)

Alimentar o desejo por este amor significava velar a condição de subalternidade colocada pelo Código Civil de 1916, por exemplo, pela delimitação das possibilidades femininas. Utilizo a definição de Luciana Borges (2013) para pensar o movimento|deslocamento na escrita, mas também nas ações de Clarice:

uma tomada de posição [...], o que provoca a adoção de seu modo canônico ou a releitura de procedimentos de composição de termos

desconstrutores é também parte de um desejo das escritoras, que o efetivam como aceitação ou como enfrentamento.

Ao aceitar esse movimento|deslocamento, as autoras adquirem agência: agem sobre o mundo ao atuarem com um discurso que centraliza um tipo de olhar para desconstruí-lo desde o seu de-dentro, rompendo sua estruturalidade (BORGES, 2013, p. 42).

Ainda que a intenção não seja analisar o sentido de cada citação trazida, é significativo inserir alguns fragmentos de autoria de Clarice para demonstrar seu olhar sobre o mundo em que viveu, e exemplificar, ao menos brevemente, a relação entre a vida da autora com sua produção. Agir sobre o mundo é também empenhar-se para cursar Direito, é desejar uma profissão considerada masculina, assim como outras decisões e atitudes de Clarice que serão postas nos momentos oportunos. É preciso observar a prática do deslocamento para além das palavras, ainda que seja importante perceber como as temáticas de-dentro, como o amor romântico, tenham sido utilizadas como estratégia para abordar outras possibilidades de vida para as mulheres.

No ano de sua aparição, Clarice procurou Lourival Fontes e foi contratada, iniciando sua carreira jornalística na Agência Nacional (órgão governamental responsável pela coordenação das atividades relacionadas à imprensa brasileira) como repórter (foi precursora, segundo Gotlib (2013)). Logo após, foi transferida para o jornal *A Noite*, encampado pelo governo varguista. Seu registro em carteira profissional como repórter<sup>18</sup> da empresa *A Noite* ocorreu apenas dois anos depois de sua contratação (1942), quando finalmente foi inserida no rol de beneficiados, que excluía grande parte da população, reservado aos trabalhadores urbanos empregados, com carteira de trabalho, que pertencessem a profissões reconhecidas e regulamentadas pelo Estado.

Mesmo em meio à ampliação do número de postos e cargos a fim de cooptar intelectuais para assumirem propostas políticas e ideológicas solidárias ao governo, Clarice esteve “engajada com projetos acadêmicos”, como membro do “Centro Acadêmico Cândido de Oliveira – *Caco* – um dos redutos antifascistas de então” (GOTLIB, 2013), e foi redatora da revista acadêmica *A Época* (1906-1960), distribuída em todas as escolas de Direito do país, que divulgava artigos assinados por nomes representativos da intelectualidade da Faculdade Nacional (NUNES, 2019). Nela, Clarice publicou os artigos “Observações sobre o Fundamento do Direito de Punir” e “Deve a mulher trabalhar?” (1941). No último, já havia o clamor pelo reconhecimento do direito feminino ao trabalho remunerado, seguindo o movimento de libertação que ocorria mundialmente.

---

<sup>18</sup> De acordo com Gotlib (2013), além das reportagens, iniciaram-se concomitantemente as entrevistas, em 1940.

Apesar de soarem contraditórios, os vínculos de Clarice com Caco e com o emprego público, a aparente dualidade faz sentido quando se observa como nomes reconhecidos, como Carlos Lacerda (1914-1977), figuraram entre os membros do Centro Acadêmico, desde a sua fundação, em 1916 – a história de Caco explicita uma crescente representatividade nacional. Somados aos benefícios governamentais para intelectuais do funcionalismo público, apesar da censura, ambos os vínculos foram estratégicos, na busca por visibilidade, reconhecimento e amparo econômico.

Em uma das cartas enviadas por Clarice para Getúlio Vargas (foi comum no período o envio de cartas entre ele e a população brasileira – em sua maioria, a classe trabalhadora), o vínculo de trabalho supracitado foi posto por ela como justificativa de merecimento, como barganha para encurtar e garantir o trâmite legal para sua naturalização:

Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro [...]. Que deseja casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros. Que, se fosse obrigada a voltar à Rússia, lá se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças.

Demonstrei minha ligação com esta terra e meu desejo de servi-la, cooperando com o DIP, por meio de reportagens e artigos, distribuídos aos jornais do Rio e dos estados, na divulgação e na propaganda do governo de V. Ex.<sup>a</sup>. E, de modo geral, trabalhando na imprensa diária, grande elemento de aproximação entre governo e povo.

Como jornalista, tomei parte em comemorações das grandes datas nacionais, participei da inauguração de inúmeras obras iniciadas por V. Ex.<sup>a</sup>, e estive mesmo ao lado de V. Ex.<sup>a</sup> mais de uma vez, sendo a última em 1º de maio de 1941, Dia do Trabalho. (LISPECTOR, 2002, p. 33-34)

A carta delimita alguns posicionamentos adotados no decorrer de sua vida: o silenciamento sobre sua origem judaica (não é de se espantar, lembrando-se da deportação de Olga Benário, em 1936, a um campo de concentração alemão), a ausência de detalhes sobre os poucos meses de vida antes da chegada ao Brasil, a negativa em retornar (mesmo que de passagem, como ocorreu posteriormente, em 1962) à Rússia e o trabalho como justificativa de sua ligação com o Brasil – e, importante na carta, de apoio ao governo. Ainda que a escrita possua em si a vontade de convencimento, o desejo de Clarice em se casar, ter filhos brasileiros e permanecer no país não deve ser descartado. Todavia, foi o casamento que a levou para outras terras e dificultou – de fato, impediu – a concretização de seus planos sobre o nascimento dos filhos em solo brasileiro.

**“Eu me contenho para não me desesperar”<sup>19</sup>**

Clarice e Maury (que já era diplomata antes do matrimônio) tinham visões diferentes para o mesmo relacionamento, pois havia, antes de mais nada, um conflito de ideias entre eles. Enquanto Clarice desejava fazer mais do que lhe fora delimitado socialmente pelo gênero, Maury a queria dentro do padrão de família nuclear burguesa, onde ele tinha (legalmente falando) a autoridade sobre todos os membros. Quando casados, ele a mandava para o Brasil caso os filhos apresentassem algum problema – ela sentia ser um fardo para Maury, da mesma forma que o via olhar para os filhos Pedro e Paulo.

Após o casamento (1943-1959), Clarice permaneceu publicando com seu nome de solteira e sua Carteira Profissional, em que constava o estado civil de casada, não foi registrada como Clarice Gurgel Valente. O caso de seu registro fica ainda mais curioso quando se observa a permanência da tutela dos homens sobre as mulheres e a prescrição de que as mulheres tomassem o sobrenome do marido quando instituída a sociedade conjugal (Art. 240 do Código Civil de 1916). As migrações decorrentes da profissão de Maury não tardaram a ocorrer, e Clarice logo se correspondeu com Lúcio Cardoso, com quem trabalhou na Agência Nacional – e, por isso, travou conversas sobre o assunto, apresentadas a seguir neste compilado de citações referentes aos anos de 1944 e 1945:

[Belém] Estou aqui meio perdida. Faço quase nada. Comecei a procurar *trabalhar* e começo de novo a me torturar, até que resolvo não fazer programas; então a liberdade resulta em nada e eu faço de novo programas e me revolto contra eles. Tenho lido o que me cai nas mãos. Caiu-me plenamente nas mãos *Madame Bovary*, que eu reli. Aproveitei a cena da morte para chorar todas as dores que eu tive e as que eu não tive. (LISPECTOR, 2002, p. 36, grifo meu)

Não tendo aqui a Agência Nacional e *A Noite*, estou numa liberdade deliciosa, há anos não sentia isso. Às vezes mesmo passo uns dois dias sem fazer nada, sem mesmo ler, e com a impressão de que escrevi muito, de que li, de que trabalhei. Tenho *trabalhado* pouco. Às vezes com uma facilidade que me desespera. Mas acho que com um pouco de paciência eu me *amansarei*, nem sei [...] como eu tenho aprendido a ser paciente, *como é ruim ser paciente*. (LISPECTOR, 2002, p. 41, grifo meu)

[Itália] O que importa é trabalhar, como você tantas vezes me disse. E é isso que eu não tenho feito. [...] *Gostaria de tal, de tal forma poder trabalhar sem parar*. (LISPECTOR, 2002, p. 63, grifo meu)

Estou tentando escrever qualquer coisa que me parece tão difícil para mim mesma que eu me contenho para não me desesperar. É alguma

<sup>19</sup> Da obra *Minhas Queridas* (LISPECTOR, 2007).

coisa que nunca será gostada por ninguém, mas não posso fazer nada. (LISPECTOR, 2002, p. 66)

Lucio, enquanto alguém com quem Clarice trabalhou, representava para ela uma espécie de vínculo com o antigo trabalho. As correspondências revelam sua angústia em razão da distância da Agência Nacional e do jornal *A Noite*, como se aclara na carta enviada de Belém. Nostálgica e desanimada com as mudanças em sua vida, viu-se cada vez mais distante de realizar o plano revelado para o amigo, em 1941: “Sabe Lúcio, toda a efervescência que eu causei só veio me dar uma vontade enorme de provar a mim e aos outros que eu sou + do que uma mulher” (Ibidem, p. 16). Quanto mais se tornava *senhora de diplomata*, mais se afastava de sua subjetividade.

Escreveu-lhe também em 1945 sobre essa condição, exemplificada em referência à revista feminina *Jornal das Moças*, escrita para o público feminino burguês:

Estou simbólica como no *Jornal das Moças*<sup>20</sup>, o que afinal dá no certo porque sou moça. [...] Minha dificuldade é que eu só tenho defeitos, de modo que tirando os defeitos quase que resta *Jornal das Moças*. (Ibidem, p. 70)

De acordo com Nukácia M. Araújo de Almeida, o *Jornal das Moças* (1914-1965):

[...] enquadra-se perfeitamente no esteriótipo [sic] da revista feminina e assim se ocupa de *assuntos mundanos, domésticos e frívolos*, sugerindo o *ethos* da mulher moderna de classes mais abastadas: *a mulher que se preocupa com o lar, com a vida em sociedade, mas que não estende suas preocupações além dos cuidados com a casa, os filhos e o marido* e com algumas festas religiosas ou pagãs, como o mês de Maria ou com o Carnaval, por exemplo. (2007, s.p., grifo meu)

A relação estabelecida por Clarice com a revista explicita como o estereótipo da mulher moderna de classes mais abastadas a demarcava naquele momento, e como os deslocamentos que compunham sua subjetividade, e tanto a representavam, figuravam, também, como *defeitos*. Sem eles, sem o trabalho, a escrita e a produção, restavam-lhe, portanto, a frivolidade, a preocupação com o lar e com a vida em sociedade. Isso significa dizer que as podas a modelariam, ainda que cortar os defeitos fosse perigoso, como escreveu para as irmãs, pois nunca se sabe qual defeito sustenta o edifício inteiro (LISPECTOR, 2007). Ser uma boa esposa de diplomata lhe custava muito.

<sup>20</sup> Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14\\_06.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf). Acesso em: 1 mar. 2020.

Em seções femininas de jornais ou mesmo em veículos como o *Jornal das Moças*, voltado inteiramente para o público feminino, tentou-se construir um universo feminino para que as mulheres ficassem dentro dele. Visualizou-se, inicialmente, a influência do *American way of life* pelo cinema majoritariamente hollywoodiano, em 1940, período em que Carmen Miranda estrelou em diversos filmes da *20th Century Fox* e se tornou uma das atrizes mais bem remuneradas. As atrizes, suas personagens e envolvimento amorosos (na vida real ou no enredo dos filmes) serviam a imprensa brasileira como modelos a serem criticados ou seguidos pelas mulheres.

A mídia influenciou (e permanece influenciando) a construção da subjetividade, a reprodução de ideias, conceitos e valores, gerando desejos e expectativas, e coibindo a formação do pensamento crítico, ou seja, restringindo a autonomia e a liberdade das mulheres (MORENO, 2017). Ainda que escritoras como Clarice tenham ocupado espaços de escrita, encontraram dificuldades para inserir nas publicações as demandas sociais relacionadas aos avanços, ainda que tímidos, das mulheres na sociedade. Por voltarem-se à aparência feminina, sua situação conjugal e funções como mãe e esposa, repetiram os padrões que as desvalorizavam, que as reduziram, a fim de preservar os valores patriarcais. Era necessária uma escrita estratégica para desnaturalizar essa construção de gênero.

A distância com o Rio de Janeiro e com o Brasil afastou a autora da imprensa, com retornos esporádicos. Quando em Berna (Suíça), por exemplo, publicou os contos “O Crime” e “O Jantar”, a convite do suplemento *Letras e Artes* (1946-1953) - criado pelo integralista Jorge Lacerda - que transitava entre o modelo francês (mais literário) e o modelo estadunidense (com olhares voltados para o mercado cultural (DEMARCHI, 1992)). Em um breve retorno ao Brasil (1952), Clarice trabalhou de maio a setembro no semanário *Comício* (1952), escrevendo a página feminina “Entre Mulheres”, assinada pelo pseudônimo Tereza Quadros.

O semanário destoava do modelo empresarial e neutro de jornalismo da década de 1950. Diferentemente da objetividade, da imparcialidade que o jornalismo empresarial brasileiro adotou na década, ainda que alegasse ser apertado, o *Comício* contou com colaboradores antigetulistas, em oposição ao último governo de Vargas (1951-1954). Dispondo de pouca verba, logo endividado, o semanário foi considerado feio e pobre, como um pasquim ou um tabloide, e não sobreviveu para a comemoração de seu primeiro aniversário.

No *Comício*, Clarice publicou uma resenha com parte da obra *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, onde é possível perceber a vontade de desconstrução da naturalizada desigualdade entre homens e mulheres de uma mesma condição social. Na coluna “Entre Mulheres”, segundo Tânia Sandroni, “identificamos que a principal fonte de inspiração para

Clarice Lispector foi o livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949 na França e, à época, não traduzido no Brasil” (2018, s.p.). Se observado o vínculo de Maury com o governo brasileiro e os colaboradores antigetulistas do semanário, o emprego do pseudônimo como assinatura de Clarice faria sentido, mas não teria força suficiente para evitar o conflito resultante de sua participação nesse veículo, com sua posição de senhora de diplomata.

Em 1959, Clarice teve alguns contos publicados na revista *Senhor* (1959-1964), um periódico que marcou época pela qualidade das colaborações jornalístico-literárias do design gráfico inovador (HANSEN, 2018) e que acompanhou os ares otimistas do país em crescimento. Ainda que a autora mostrasse interesse em Simone de Beauvoir e Virgínia Woolf, consideradas na atualidade como feministas, e que no Brasil, o governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960) tenha sido marcado pela maior adesão social para o trabalho produtivo feminino, havia aqui uma contraofensiva. Tratava-se da reafirmação tradicionalista sobre a incompatibilidade de mulheres e trabalho produtivo, por discursos que acusavam as trabalhadoras assalariadas de afastarem-se de sua “natureza” materna e servil por utilizarem parte de seu tempo para trabalho remunerado.

Para driblar a distância, Clarice dedicou-se às obras de cunho literário e fez das correspondências suas aliadas, ao enviar às irmãs e aos amigos escritores suas obras para revisão e contar com eles para mediar o contato com editores. Mais do que *manter* amizades, ela estabeleceu com as correspondências *novos vínculos* (iniciados pessoalmente, dentro e fora do Brasil). No rol de escritores e editores homens com quem se correspondeu, estão o já citado Lúcio Cardoso, acrescido de Fernando Sabino, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Rubem Braga, Érico Veríssimo, José Simeão Leal, Alberto Dines, Lêdo Ivo e Carlos Drummond de Andrade, reconhecidos no Brasil por suas funções. Já as mulheres, foram apenas a irmã Elisa Lispector (a irmã Tania iniciou a carreira de escritora durante a década de 1970), Bluma Chafir Wainer, e Lygia Fagundes Telles.

É significativo frisar como o número reduzido de mulheres (e até inexistente de editoras) espelham a dificuldade feminina na obtenção de reconhecimento no campo literário e editorial, a fim de evitar a superficialidade de uma conclusão voltada apenas para o mérito no *sucesso* da escrita ou da profissionalização, posto que o campo das letras era majoritariamente masculino. O ímpeto e a determinação de Clarice em manter o trabalho de escritora – por contrastar com as funções que sua posição de senhora de diplomata lhe exigiam – e os conflitos disso resultantes no matrimônio podem ter influenciado sua decisão pela dissolução da sociedade conjugal, somando-se a isso as migrações e a distância do Brasil, onde ela estabelecera a maior parte de sua rede de relações. Em seu retorno ao Rio de Janeiro com os

filhos (1959), em decorrência da separação, Clarice reempregou-se na imprensa brasileira, em seções majoritariamente femininas, algo que a ajudou a suprir a carência financeira. Dessa forma, o final da década de 1950 e o início da década de 1960 marcam anos de produção intensa de Clarice.

**“Mesmo que doa, dói só no começo”<sup>21</sup>**

De 1959 a 1961, a fim de complementar financeiramente seus rendimentos, Clarice trabalhou para o jornal *Correio da Manhã* (1901 a 1974) – autodeclarado “de opinião” e sem “compromissos com agremiações ou figuras políticas” (DE LUCA, 2015, p. 163). O jornal “se destaca na história da imprensa brasileira por ter se posicionado sempre contra as oligarquias e por dar ênfase à informação em detrimento da opinião” (NUNES, 2008, p. 280). Nele, Clarice assinou como Helen Palmer a coluna “Correio Feminino – Feira de Utilidades”, na qual deveria inserir a divulgação indireta dos cosméticos da *Pond’s*<sup>22</sup> –, o que marca o período com o crescimento das mulheres como público-alvo da publicidade. Ainda assim, ela publicou textos deslocados, por exemplo, onde citou “*a primeira campeã dos direitos da mulher*”, Mary Wollstonecraft, considerada na atualidade como feminista, da mesma forma que Woolf e Beauvoir.

No período de 1959 a 1964, Clarice enfrentou o processo de dissolução da sociedade conjugal, e o texto chamado “Definição” (com o “perdão da analogia”, que mais parece uma *tuitada*) demonstra a conexão entre o momento em que vivia e sua produção:

Diplomata é um homem que pode *ganhar* numa discussão com sua mulher sem que ela perceba que saiu perdendo. (LISPECTOR, 2008, p. 110, grifo meu)

Sendo o diplomata um servidor público encarregado de promover os interesses de sua nação em missões internacionais e estimular a relação entre os países envolvidos, um homem que assim atua na sociedade conjugal defende sua posição de autoridade evitando maiores conflitos com a esposa. Ou seja, nem sempre a autoridade é garantida pelos homens de forma explícita, e seria ingenuidade deixar de estabelecer relação entre a definição de diplomata utilizada por Clarice com a profissão de Maury, que expressa nas entrelinhas a percepção negativa sobre sua própria experiência conjugal.

<sup>21</sup> Da obra *A descoberta do mundo* (LISPECTOR, 1999).

<sup>22</sup> Ver mais em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/06/ponds-beauty-care-with-success.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

As feridas permaneceram com Clarice nos anos seguintes, onde ela acumulou, em 1960 e 1961 o contrato de *ghost writer* da manequim, atriz e apresentadora Ilka Soares, assinatura que constava na coluna “Só para Mulheres”, escrita por Clarice e publicada no jornal *Diário da Noite*. O jornal, que reuniu nomes expressivos de 1960, “[...] passa a ser tablóide, formato inspirado nos ingleses *Daily Mirror* e *Daily Express*. A paginação é de revista, com textos curtos e linguagem coloquial, estratégias para o vespertino cair no agrado do público e ter a tiragem aumentada” (NUNES, 2008, p. 286). Sobre a contratação de Clarice:

[Alberto] Dines já conhecia também Clarice Lispector. E sabendo que ela estava passando por dificuldades econômicas, resolve fazê-la uma *ghost writer*, isto é, a pessoa que escreve, mas não aparece. Então, Clarice poderia ser o *ghost*, o fantasma de Ilka Soares, que já tinha aceitado assinar a coluna feminina do Diário da Noite.

Clarice Lispector não tinha a obrigação de acompanhar a rotina do jornal. Pelas características da coluna, que não estava presa ao registro imediato de notícias, não precisava comparecer diariamente à redação do Diário da Noite. Muito menos chegar às 4 horas da manhã, junto com os repórteres de Dines. Podia elaborar a página em casa e ir ao jornal somente para entregar o material. Mas Clarice Lispector, além de escrever a página, também a montava, sugerindo uma pré-diagramação, com fotos que recortava de revistas americanas. A perfeição era de tal ordem que nem mesmo os editores se preocupavam em revisar. Apenas o diagramador dava os toques finais, seguindo o esquema já preparado. Às vezes, os textos sobravam na página, mas eram aproveitados em edições posteriores.

A página de Ilka Soares segue o padrão implantado por Dines. Pequenos textos, em linguagem coloquial, são organizados equilibradamente.

[...]

A seção “Nossa conversa”, que traz, na assinatura, as iniciais I.S., aproxima a atriz da leitora, tornando-a mais acessível e humana. (NUNES, 2004, s.p., grifos meus)

A possibilidade de realizar o trabalho em casa adequava-se às necessidades de Clarice, considerando seu lugar socioeconômico de mulher separada (sem oficialização do desquite), assalariada e responsável pela educação e/ou criação dos filhos, em decorrência da distância geográfica de Maury. A citação abaixo, publicada originalmente no jornal *Correio da Manhã*, auxilia a análise sobre a experiência diferenciada de Clarice nesse emprego:

Em sua maioria, os homens não se importam sinceramente de competir com uma mulher no terreno profissional. É só quando ela tenta usar como vantagem profissional a deferência devida a uma mulher (sentimento arcaico que data de quando as mulheres eram escravas dos homens e tinham que usar de astúcias para se defenderem) que os

homens se mostram irritados, e com justa razão. (LISPECTOR, 2008, p. 22)

Aparentemente, a condição de mulher separada e única responsável legal em solo brasileiro pelos filhos, e a perfeição do trabalho feminino, poderia ser desconsiderada pelos colegas de profissão. O trabalho realizado em casa, no caso de Clarice, poderia ser considerado *vantagem profissional*, quando em verdade refletia a necessidade de uma mulher órfã, mãe, cujas irmãs também eram assalariadas. Não haveria caminho fora do casamento para mulheres, principalmente com filhos, segundo a lógica de profissionais liberais homens, o que mostra o movimento e o enfrentamento de Clarice em uma sociedade como a brasileira.

Gotlib (2013), ao comparar as páginas femininas escritas por Clarice, observa como na coluna “Só para Mulheres” havia maior quantidade de fotos e desenhos, textos maiores e em menor número, e, entre eles, alguns *já publicados anteriormente*. Um bom exemplo disso é o reaparecimento de Simone de Beauvoir através de uma citação de sua obra *O Segundo Sexo*, que coincidiu com a presença da autora no Brasil (publicação e visita, ambas, em agosto de 1960).

Assim, é significativo mencionar como jornais brasileiros como *O Carapuceiro*, do século XIX, ao abordarem assuntos como modos e moda sob um viés conservador, e até mesmo misógino, figuravam como norteadores comportamentais que partiam da escrita masculina. O publicista Lopes Gama, por exemplo, se dispunha a criticar as mulheres que não seguiam rigorosamente o figurino ou as normas comportamentais de seu tempo ao se relacionarem com os homens (GONÇALVES, 2006). Sobre o período e sobre a apropriação feminina desses espaços, Débora Cristina Esser (2014) afirma que:

Descontentes com tamanha discriminação, nos primeiros anos do século XX, mulheres de todo o Brasil, principalmente dos grandes centros como, por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gérias, começaram a publicar matérias em revistas e jornais usando pseudônimos para manter em sigilo sua identidade de escritora. Esse foi o início de uma prática que, mais tarde, viria a ser considerada como um dos maiores ganhos dos movimentos feministas em território nacional – o direito de expressão escrita. (ESSER, 2014, s.p., grifos meus)

A trajetória jornalística de Clarice enquadra-se na prática supracitada, ou seja, ela foi uma mulher que residiu e publicou majoritariamente no Rio de Janeiro, e que fez uso de pseudônimos como Tereza Quadros e Helen Palmer. Nos anos de 1952, 1959 e 1960, trabalhou sob a égide de temáticas delimitadas pela imprensa destinada às mulheres como a moda – a enfatizar a importância da aparência das mulheres, relacionada ao agrado dos homens –, a

insatisfação da dona de casa – que marca o ambiente doméstico como lugar feminino – e o uso da inteligência para não ofuscar o namorado – que se refere ao comportamento social subalterno e sem enfrentamentos esperado pelas mulheres. Todavia, não se deve subjugar essa produção sob a consideração da garantia de sigilo de identidade de escritora, como se, por exemplo, a adoção de uma escrita mais simples ou menos literária precisasse ser encoberta – o sigilo não significa desejo de desvincular-se, e, por vezes – como o caso de Clarice enquanto *ghost writer* de Ilka Soares –, apresenta uma proposta do próprio veículo de comunicação.

Mariângela Alonso (2017), por conseguinte, elucida o movimento de circularidade clariceano, entre ideias nascidas na escrita midiática e em obras posteriores, assim como ideias extraídas de livros que compuseram publicações de jornais e revistas. Ou seja, havia um trânsito, uma fluidez entre as publicações da autora nos diversos veículos midiáticos em que trabalhou e em suas obras literárias, motivo suficiente para demarcar a igualdade de importância entre suas produções.

Em 1961, por exemplo, Clarice iniciou sua participação efetiva na revista *Senhor* - revista mensal que teve sua fase áurea entre 1959 e 1964, e tornou-se sinônimo de prestígio intelectual -, com textos que, posteriormente, compuseram a obra *A legião estrangeira* (1964). Sua fama entre intelectuais e escritores era notória, mas os editores evitavam-na em decorrência de sua escrita moderna, “E foi justamente *Senhor*, e aí novamente a importância da imprensa, como um divisor de águas na trajetória da escritora, a responsável pela valorização de público e de crítica da ficção clariceana” (NUNES, 2008, p. 280) - mais uma vez, o jornalismo mostra sua significativa presença na trajetória da autora.

Apesar de assinar como C.L. a seção “*Children’s Corner*”<sup>23</sup> (1961-1964) – pela tradução literal, “canto das crianças” -, criada por Clarice, seu nome completo foi informado pela *Senhor*. A coluna, que nasceu como parte de “Sr. e Cia.”, “transformou-se numa seção com vida própria” com textos retratando comportamentos inesperados e inapropriados de crianças e adultos (MÉNDES, 2019, p. 122), com posicionamentos deslocados do discurso hegemônico, um padrão ora explícito, ora implícito na escrita clariceana.

Ainda na imprensa, Clarice vivenciou outra transformação no setor de comunicação social, ocorrido após o golpe de 1964, que transformou o Estado brasileiro em ditadura militar (1964-1984). Nesse período, a boa convivência entre os diretores dos grandes jornais e o governo foi interrompida, pois o governo, ao controlar e censurar a imprensa, não reconheceu a legitimidade do direito à informação. Os diretores temiam o prolongamento dessas medidas, e

<sup>23</sup> O nome foi utilizado por Clarice para nomear outros textos, e a escolha pelo inglês se relaciona com a modernização e os padrões estadunidenses da imprensa do Brasil no período.

cada vez mais jornalistas e repórteres foram investigados, presos e cassados, mesmo quando credenciados junto ao Palácio do Planalto (BAHIA, 2009).

Além disso, a publicidade governamental foi revista e cancelada, medida que afetava diretamente o funcionamento dos veículos de comunicação, que tinham no governo seu maior anunciante. Foi o caso, por exemplo, do *Jornal do Brasil* (1891-?), veículo de inovação em seu formato, linguagem visual e conteúdo (BARRETO, 2004), no qual Clarice trabalhara de 1967 a 1973:

Em 1967, Clarice aceita o convite do *Jornal do Brasil*<sup>24</sup> para escrever uma coluna de crônicas aos sábados. O livro *A Descoberta do Mundo*<sup>25</sup>, organizado pelo filho da escritora, Paulo Gurgel Valente, reúne várias crônicas publicadas na citada coluna durante os anos de 1967 a 1973 e traz uma nova Clarice, já consagrada como uma das maiores escritoras brasileiras, outra vez no universo jornalístico, desta vez como cronista. Em 1977, ano de sua morte, ainda publica crônicas no jornal *Última Hora*, durante o mês de fevereiro. Suas crônicas estão, ainda, nos livros *Visão do esplendor - Impressões Leves*, de Francisco Alves e *Para Não esquecer*, organização da Editora Ática. (CONDE; DE ANDRADE, 2009, p. 7-8)

Ainda assim, foi nele que escreveu, em 1967, textos como o intitulado *A favor do medo*, onde Clarice relata o que uma mulher sente quando está sozinha na rua e um homem se aproxima, como o medo aumenta se ele se comunica conosco, e piora ainda mais quando ele nos convida para “*dar um passeio*” (LISPECTOR, 1999, p. 42), nas palavras utilizadas pela autora. Em sua escrita, o receio de recusar algo a um homem se unia ao medo de morrer, e não deixa de refletir uma problemática tão atual como as violências contra as mulheres, os feminicídios e até mesmo a cultura do estupro. Ela se atrevia a adentrar no íntimo de si quando uma situação, uma experiência vivenciada ou compartilhada se assemelhava a de outras mulheres – quando o perigo é algo em comum para pessoas do gênero feminino, numa sociedade patriarcal como a nossa. Mais de 3 décadas se passaram, e o medo permanece. Eis a importância da visibilidade de questões como essas, propostas por Clarice.

Por fim, o supracitado jornal *Última Hora* – criado por Samuel Wainer, cuja carreira jornalística fora construída à esquerda – “pretendia ser mais popular, pois a sua linguagem e diagramação eram voltadas para a população em geral” (NOGUEIRA, 2007, 131). Junto às últimas publicações de Clarice, o jornal logo teve seu fim, ainda no período ditatorial. Foi

<sup>24</sup> Parte desses textos foi republicada pelo jornal gaúcho *Correio do Povo*, a partir de 1969.

<sup>25</sup> Em nota de rodapé, as autoras informam que foram incluídas na obra traduções, entrevistas, citações e contos realizados por Clarice.

ultrapassado pelas inovações relacionadas tanto às impressões quanto ao estilo de jornalismo, com edições regionais, que caíram em desuso (LAURENZA, 2015).

### Considerações finais

*O trabalho é necessário não somente como justificativa para a vida em sociedade como para a saúde, a alegria e a juventude.  
(Clarice Lispector)<sup>26</sup>*

Em seus últimos anos de vida, o reconhecimento alcançado por Clarice rendeu-lhe viagens e participações em eventos de cunho acadêmico. Após sua morte, o interesse em relação à sua autoria trouxe consigo a publicação de textos inéditos, compilações, relatos sobre sua vida, adaptações de suas obras para o teatro e cinema, traduções, críticas, especiais em periódicos, canções, pesquisas, etc. Foi o contato com as compilações de Aparecida Maria Nunes que despertou meu interesse pela carreira jornalística de Clarice. A partir dela, trabalhei em prol da compreensão e da visibilidade de sua produção midiática, consideravelmente menos conhecida do que as obras de cunho literário escritas pela autora. Somente assim, acessei a rica produção de Nádia Batella Gotlib, repleta de documentos e análises que relacionam a escrita da autora com sua subjetividade, ou de Tereza Monteiro, por exemplo, nas cartas onde Clarice “se conta” de forma ainda mais íntima.

Os deslocamentos e enfrentamentos que fizeram parte de sua vida, como sua origem, a formação em Direito, a posição precursora enquanto mulher e repórter, a continuidade de seu trabalho publicado com o nome de solteira mesmo após o casamento, a separação e o retorno ao Brasil com os filhos, aclaram como, por vezes, o não dito foi previamente pensado ou teve um propósito, uma gênese. Afinal, Clarice prezou pela autopreservação, mas não sem driblar a censura, os limites da imprensa e dos veículos de comunicação, ou mesmo as delimitações binárias de gênero e as desigualdades de um século patriarcal como o XX. Observo-a como uma estrategista, a traçar estrategicamente seus passos, de forma planejada e articulada.

Há ainda muito o que se pesquisar sobre Clarice, como seu trabalho e publicação em outros veículos de informação, como olhares para diferentes mulheres do mundo e do Brasil, de temporalidades e cartografias variadas. A aliança com a história mostrou-se rica para a compreensão da vanguarda de sua trajetória, a elucidar suas lutas e seus posicionamentos, que podem passar despercebidos quando não se situa sua escrita.

---

<sup>26</sup> Da obra *Correio Feminino* (LISPECTOR, 2006).

O trabalho como profissional de imprensa a acompanhou durante décadas, mesmo com breves intervalos. A relativa independência econômica dessa profissão foi fundamental para sua sobrevivência em mais de um momento de sua vida, mas também lhe rendeu maior visibilidade. Por esses e por outros motivos, como a defesa da educação e profissionalização feminina, como a desnaturalização do casamento como destino único e natural das mulheres - um contraponto do amor romântico endereçado ao público leitor feminino, essas fontes devem ser consideradas com a mesma importância que as notáveis obras de reconhecimento (inter)nacional, que fazem de Clarice uma autora atemporal. Afinal, onde está sua escrita, está Clarice.

### Referências

ALONSO, M. *O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2017.

BAHIA, B. J. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira*, v. 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARRETO, I. M. C.; YUNES, E. (Orientadora). *Clarice: o diálogo com os leitores nas crônicas do JB*. Rio de Janeiro, 2004. 147p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BORGES, L. *O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: um estudo de Clarice Lispector*, Hilda Hirst e Fernanda Yong. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

BRASIL. *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil*. Brasília: DF, 1916.

CARVALHO, C. da C. de. Uma leitura de gênero: representações de normalidade na revista *Vamos Ler!*, 1936-1948. *Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol.24 no.3. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702017000300827&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702017000300827&script=sci_arttext). Acesso em 27 fev. 2020.

CONDE, M. G.; DE ANDRADE, S. A. *Clarice Lispector Jornalista*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Teresina: 2009. p. 1-12.

DE ALMEIDA, N. M. A. *Revistas femininas e educação da mulher: o Jornal das Moças. Associação de Leitura do Brasil*, 2007. Anais 16. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14\\_06.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf). Acesso em: 23 nov. 2020.

DE LUCA, T. R. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 149-175.

\_\_\_\_\_. O jornal literário Dom Casmurro: nota de pesquisa. *Historiæ*, ISSN 1519-8502, E-ISSN 2238-5541, Rio Grande/RS, Brasil, 2011.

ESSER, D. C. Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória. *Revista Línguas & Letras*, v. 15, n. 30, 2014. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10658>. Acesso em: 23 set. 2020.

GONÇALVES, A. L. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOTLIB, N. B. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

HANSEN, M. S. *Guimarães Rosa e a revista Senhor: Uma poética da integração*. XXX f. 2018. Tese (Doutorado em XXXLetras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-06022019-124129/publico/2018\\_MariseSoaresHansen\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-06022019-124129/publico/2018_MariseSoaresHansen_VCorr.pdf). Acesso em: 13 nov. 2020.

LAURENZA, A. M. de A. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. (org). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 179-205.

LINS, R. N. *O livro do amor*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012. Vol. 2.

LISPECTOR, C. *Correio Feminino*. NUNES, A. M. (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. *Clarice na cabeceira: jornalismo*. NUNES, A. M. (Org.). Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

\_\_\_\_\_. *Correspondências*. MONTEIRO, T. (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

\_\_\_\_\_. *Minhas Queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

\_\_\_\_\_. *Só para mulheres*. NUNES, A. M. (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

\_\_\_\_\_. *Todos os contos*. MOSER, B. (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MÉNDEZ, M. "O sucesso do inacabado: Clarice Lispector e seu 'Canto infantil' na revista *Senhor*." *Journal of Lusophone Studies* 4, nº 2 (Outono 2019): Dossiê Especial sobre Jornalismo de Clarice Lispector. p. 103-123.

MORENO, R. *A imagem da mulher na mídia: controle social comparado*. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2017.

NOGUEIRA, M. P. *O anticomunismo nos jornais: Correio do Povo, Diário de Notícias e Última Hora, uma perspectiva de análise*. 2009. 298 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NUNES, A. M. Sempre mulher através dos tempos. In: LISPECTOR, C. *Só para mulheres*. NUNES, A. M. (org). Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

\_\_\_\_\_. Falas entrecruzadas, o viés feminista na produção midiática de Clarice Lispector. *Caderno Espaço Feminino: Revistas femininas em debate (Brasil e Portugal no século XX)*. Uberlândia, MG, v.32, n.1, jan/jun. 2019. p. 149-174. Disponível em: [seer.ufu.br/index.php/neguem](http://seer.ufu.br/index.php/neguem). Acesso em 01 set. 2019.

\_\_\_\_\_. *Receitas de Sedução nas Páginas Femininas de Clarice Lispector para O Diário da Noite*. In: INTERCOM. Congresso Brasileiros de Ciência da Comunicação. Porto Alegre, RS, 2004.

## CREDECIAIS

### KAOANA SOPELSA

Graduada em História pela Universidade Paranaense (UNIPAR). Especialista em Arqueologia, Patrimônio Cultural e História pela Universidade Paranaense (UNIPAR). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGE-UNIOESTE). Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH-UFGD). Coordenadora adjunta do Grupo de Trabalho Nacional de Estudos de Gênero da Associação Nacional de História (ANPUH). Membro da equipe do podcast Segundas Feministas, um projeto do GT Gênero Nacional. Membro do Grupo de estudos sobre Sexualidade e Educação (GEPEX-UNIOESTE). Feminista, a(r)tivista, pansexual em um relacionamento lésbico e vegana. **Endereço eletrônico:** [kaoanasopelsa@hotmail.com](mailto:kaoanasopelsa@hotmail.com)

**Currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5249631155389898>

**Recebido em:** 14/06/2021

**Aceito para publicação em:** 21/07/2021